

APESQUISA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA - uma Resposta à Pergunta "Pesquisa em Educação física: para quê e para quem?"

Alexandre Fernandez Vaz*

A pergunta proposta poderia nos remeter, em princípio, à uma reflexão mais no sentido da *política*, o que nos obrigaria a uma resposta, no geral, mais ou menos deste tipo: para um maior acúmulo de conhecimento produzido sobre o real, localizado como fazer humano de um ponto de vista de classe, destinado à transformação social; sendo o real entendido aqui em uma de suas mediações, qual seja, a cultura corporal, por onde então se possa contribuir com pesquisas em diversas áreas, que subsidiem a prática pedagógica chamada "Educação física". E, ainda, tendo como destinatários os subalternos, os excluídos, aqueles que com o seu trabalho sustentam a sistematização do conhecimento elaborada pelas elites.

Eu consideraria esta resposta como válida e necessária. Produzir conhecimento, sobretudo em um país como o nosso, o penúltimo em distribuição de renda e onde há pessoas que ingerem carne humana para tentar garantir a sobrevivência, exige que sempre se tenha em mente uma resposta como esta.

Mas eu gostaria de ir um pouco por outro caminho, e falar de um certo "senso comum chique" que persiste na Educação física, e de como a atividade de pesquisa, ou ainda, uma certa *mentalidade* pesquisadora pode contribuir para derrubá-lo.

De tanto ter o discurso crítico como valor imprescindível para a produção acadêmica, ou ao contrário, porque muitas vezes o temos na Educação física como mera justificação e não como um norte a ser de fato seguido, é que alguns de nós acabamos por alimentar um certo "senso comum chique". Este "senso comum chique" acaba se constituindo como um conjunto de falas e atitudes - inclusive, e principalmente, de pesquisa - que delimita a atividade do estudante e do professor de forma perversa: imbuídas de algumas notáveis frases do discurso de esquerda, muitas pesquisas são justificadas e valorizadas simplesmente pelo caráter "crítico" que teriam - mesmo que estas pesquisas não respondam a contento qualquer pergunta que se coloque em seu ini-

* Mestrando em Educação do CED/UFSC.

cio, ou ainda, mesmo que não respondam nada além da assertativa geral de que vivemos em uma sociedade de classes e que isso precisa ser transformado.

Uma produção acaba sendo válida se ela contém o caráter "crítico", e se cita alguns autores notadamente "progressistas" (mesmo que a fonte original não tenha sido consultada, e mal se saiba de quem se está falando ou o que de fato querem dizer os conceitos utilizados). Este novo tipo de senso comum, continua com o horizonte de análise restrito, só que com um colorido maior, cheirando a coisa séria pela companhia de autores ou obras de peso. O que acaba acontecendo é uma distorção irresponsável daquilo que é defendido ou explicitado por este ou aquele autor, imputando-lhe culpas e penas à revelia.

Só para verificarmos um pouco como a situação é grave, vou relatar duas situações presenciadas em cursos de pós-graduação "latu-sensu", que se espalham feito água pelo Brasil, e que deveriam ser, ao menos supõe-se, um espaço de produção de algum tipo de saber mais rigoroso.

A primeira se refere à um debate, em sala de aula, sobre uma parte de um livro do Professor Mario Osorio Marques, "*Pedagogia, a ciência do educador*". Nele, algumas idéias de Jürgen Habermas são trabalhadas com vistas à construção de algo que poderíamos chamar de "pedagogia comunicativa". Pois bem, como praticamente não se tinha conhecimento dos escritos de Habermas, a compreensão do texto do Prof. Mario Osorio,

por si só denso, não avançava. Quer dizer, não se sabia o que Habermas escrevera, nem como Mário Osório buscara nele alguns princípios para a pedagogia. Com alguns esclarecimentos precários que puderam ser extraídos do texto, e outros feitos por um ou outro participante do debate, passou-se rapidamente a uma discussão sobre a validade das teses habermasianas para o terceiro mundo! Quer dizer, sem o menor conhecimento da obra de Habermas, e sendo que não era ela que estava essencialmente em debate, não se teve qualquer constrangimento de qualificá-la, categorizando-a como liberal ou não, materialista ou idealista, boa ou ruim.

A outra situação nos faz perceber que infelizmente os alunos dos cursos de especialização ainda estão longe de noções básicas da produção do conhecimento. Depois que os alunos receberam várias cópias de textos trabalhados em aula, alguns ficaram sem um ou outro artigo ou parte de livro estudados. E como esses alunos se referiram aos textos não recebidos? Nomeando-os como "apostilas", sem qualquer referência aos autores ou títulos dos textos. Isso significa que ainda, em plena "pós-graduação", há alunos que não identificam o conhecimento como localizado, como sendo o discurso de alguém que fala de um determinado ponto do tempo e do espaço. Não há localização *histórica* do conhecimento.

Quando não se pergunta quem fala, nem de onde fala, o conhecimento acaba passando como absoluto, como um "em si" válido, independente

do contexto onde foi produzido. Sem localização, o conhecimento fica como sendo universal, do ponto indefinido e infinito, para todos os lugares e sujeitos, e como tal, *absoluto*. Aparece, portanto, como *inquestionável*.

Voltando à questão original, é preciso pesquisar em áreas que subsidiem a Educação física, que aumentem e qualifiquem cada vez mais o corpo teórico que possa lhe dar sustentação. Mais que isso, é fundamental que este corpo teórico aponte, ou que se possa, a partir dele, apontar para a transformação social. Ou seja, que as pesquisas tenham um destinatário: as classes populares, que por intermédio dos Professores e outros intelectuais (mediadores), possam usufruir do avanço do conhecimento da área.

Só que talvez seja mais necessário dizer hoje que pesquisar subsidiando a Educação física é importante para que os alunos e profissionais assumam a prática do rigor teórico-metodológico no dia a dia de sua atuação profissional. Ou seja, mais im-

portante do que a avalanche de novas pesquisas, é o rigor que se possa incorporar na prática profissional. Mais relevante do que anúncios de imaginários novos conhecimentos que se pretendam como transformadores, mas que na verdade se transformam em conservadores de uma ordem científica pouco ou nada rigorosa, é o hábito da pesquisa como prática do *fazer ciência*, e não como preenchimento de espaço em revistas e encontros científicos. Antes de pesquisar é preciso ter o hábito do pensamento rigoroso. Portanto, pesquisar *para* o rigor, e *para* os estudantes e profissionais de Educação física se tornarem mais rigorosos.

Parece-me que, também assim, como *hábito do rigor*, a pesquisa pode ser útil para os profissionais e estudantes de Educação física, tanto como mediadores na luta pela transformação social, como na busca de um "locus" que os legitime enquanto produtores do conhecimento.

Florianópolis, julho de 1994.